



Sermão, Vieira, Performance





Jerusa Pires Ferreira * - PUC-SP



Há lendários que nos acompanham.

As pessoas crescem na Bahia ouvindo falar do famoso estalo de Vieira, o fato que, de repente, ele teria tido uma iluminação nova que o tornaria predestinado ao púlpito e à voz profética. Tudo se teria passado na Igreja da Misericórdia, na rua da Misericórdia da velha capital, onde o padre tinha vivido, passaria os seus últimos dias e viria a falecer.

Estudante e depois professora de Literatura Portuguesa por muitos anos na UFBA, tive o privilégio de ter como mestra, em Portugal, Maria de Lourdes Belchior Pontes¹, uma das grandes estudiosas do Barroco.

E antes já convivera com o humanista Hernani Cidade², estudioso e antologizador dos chamados Cultismos e Conceptismos, autor de livro sobre o notável pregador.

Passei então a prestar a atenção à oratória sacra, seguindo de perto a figura que Maria de Lourdes apresentava como “o fradinho”, referindo-se a Frei Antonio das Chagas, sobre quem escreveu um portentoso estudo no qual ressalta a teatralização persuasiva, uma certa didática do terror. Diz-se que ele pregava com uma caveira na mão, apontando para a morte próxima e inexorável.

Na Igreja de São Francisco da Bahia, um dos maiores esplendores da arte religiosa no mundo, quantas vezes me surpreendi, em meio à força hipnótica daqueles ouros, às fênix e cariátides, tentando recuperar, nos obscuros luminosos daqueles espaços, uma ou outra prédica do Padre Antonio Vieira.

Homem paradoxal, debruçado sobre as conjunturas político sociais e entregue à utopia do Quinto Império, apóstolo ardoroso e malabarista, transitava dos conceitos singulares para espanto dos ouvintes.

Vieira empolgou pela veemência, pela força de uma imaginação subordinada aos esquemas mentais e retóricos pelo maravilhoso sentido musical que faz do discurso uma sinfonia. E ainda pela riqueza lexical, mestre que foi da língua, é o que nos diz Jacinto do Prado Coelho que foi também meu mestre na Universidade Clássica de Lisboa.

Em um de seus sermões, Vieira expõe o método que adotava: definir a matéria; reparti-la; confirmá-la com a escritura; com a razão; amplificá-la dando exemplo e respondendo às objeções; aos argumentos contrários; chegar a uma conclusão, persuadir e exortar.

Nesta seqüência vemos a realização de todo um trajeto rumo ao momento maior, que seria o da oralização, propriamente dita.

Oralidade e oralização correspondendo uma ao conjunto, ao ambiente, à situação em que se dá a prática da transmissão oral. A outra, remetendo-nos a um processo que envolve corpo e gesto, e também a práticas de vocalidade, onde tudo conta, do ritmo da emissão aos timbres e aos tons.

Quando Paul Zumthor define a performance³, ele trata da inteligência, do repertório, do conhecimento que se ativa em presença e diante de um público. É neste momento que se dá propriamente a criação, atualização intensa, a comunicação quase plena. Só que, é bom frisar, nada disso comporta rascunhos, tudo se passa no campo

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e Coordenadora do CEO/COS/PUC-SP.

¹ PONTES, Maria de Lourdes Belchior. *Frei Antonio das Chagas: um homem e um estilo do séc. XVII*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1953.

² Pe. Antonio Vieira: a obra e o homem. Lisboa: Arcádia, 1979.

³ *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fennerich. 2ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

mágico da transmissão oral. E aí, encontra-se ou perde-se, não há repetições.

Acontece também que o ambiente, a ambiência fazem parte de cada ato da performance, individuado e irrepetível. E conta para tudo o clima dos objetos, os cenários, os elementos da liturgia religiosa, e dizendo como Pavel Florenski⁴, a luz bruxuleante das velas ou a luz que passa pelos vitrais, o cheiro do incenso conferem vida e erotismo à situação. E Zumthor diz mais: lembra que tudo isso faz parte do texto. É o texto. É a sua forma/potência.

Uma outra coisa que tem a ver com o universo do sermão aqui tratado é que a performance, realizada no cruzamento do eixo do paradigma com o sintagma, propicia também o encontro do passado e do futuro em ato de presença.

Os gregos conheciam uma categoria de deuses “psicopompos”, aqueles que arrebatavam e conduziam as almas dos outros. A arte retórica da oratória, da parenética, da persuasão encontravam protagonistas que eram capazes de propiciar este arrebatamento.

Falando de Vieira, o arcebispo de Évora, Dom Augusto Eduardo Nunes, o considera “um dos mais ardentes conquistadores de almas”⁵.

“Nas agências diplomáticas, nas missões do Maranhão, na corte de D. João IV, nos conselhos da Companhia de Jesus e, sobretudo no púlpito, costuma-se dizer que ele era incontestavelmente o grande vulto, a figura primordial da oratória do séc. XVII”.

Tendo se ordenado sacerdote em 1635, começou logo a pregar, revelando os notáveis e excepcionais dotes de orador. Em 1640, pregou na Bahia seu famoso sermão contra os holandeses que se imagina de tão grande efeito junto aos seus ouvintes e adeptos. Segundo seu biógrafo João Francisco Lisboa⁶, a 3 de janeiro de 1642, prega pela primeira vez em Lisboa na Capela Real, deixando na corte a fama de um prodígio oratório.

Agitando questões políticas como a Restauração nacional, alcançando uma grande extensão de temas, do oficial ao familiar, aponta-se também a eficácia da “declamação” para as multidões. E, sobretudo, porque a sua matéria de fala transitava por vários domínios não deixando de incluir histórias, contos, ditos, exemplos, etc.

Como dizia Dom Francisco Alexandre Lobo, na fonte citada, Lisboa inteira corria para ouvi-lo. Os ouvintes comovidos de um lado pelo seu engenho e saber, do outro, pela perfeição de sua performance. Os amplos espaços das praças, pessoas que vinham e conseguiam preencher as construções apenas ao Colégio e à Igreja, na Bahia, e também a acolhida nos palácios com outros públicos faziam de sua presença uma força de identificação e adesão. Na Tribuna de cidadão ouvia-se a voz pela qual passavam questões e agravos populares. Passava a pátria, a nação, seu desejo messiânico de integração. E será que seria descabido falar então, no domínio religioso, de uma sociedade do espetáculo?⁷

No Maranhão, numa Sexta-Feira Santa, segundo um texto do seu tempo⁸, teria interrompido em lágrimas o sermão, e aí em curioso relato, passamos a saber que: “pregador e ouvintes formaram um concerto unânime de gemidos, a mais sublime e patética das perorações”.



⁴ Cf. PIRES FERREIRA, Jersusa. *Os Trabalhos da Luz*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2006 (Coleção Memo).

⁵ Cf. *Obras Completas do Padre Antonio Vieira. Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959, p. XXII, v. 1.

⁶ Ibidem.

⁷ AVILA, Affonso (Org.). *Barroco: Teoria e Análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

⁸ Cf. *Obras Completas do Padre Antonio Vieira. Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959, p. XL, v.1.

Terá passado seis a sete anos no Maranhão, seu teatro político e depois chama a atenção sua deslocação permanente para outros espaços; aquele ir e vir, viagens que, nestes tempos, se fariam em tão duras condições. É, por exemplo, a história de um naufrágio em que chega aos Açores e aí ainda pode pronunciar o admirável sermão de Santa Tereza⁹.

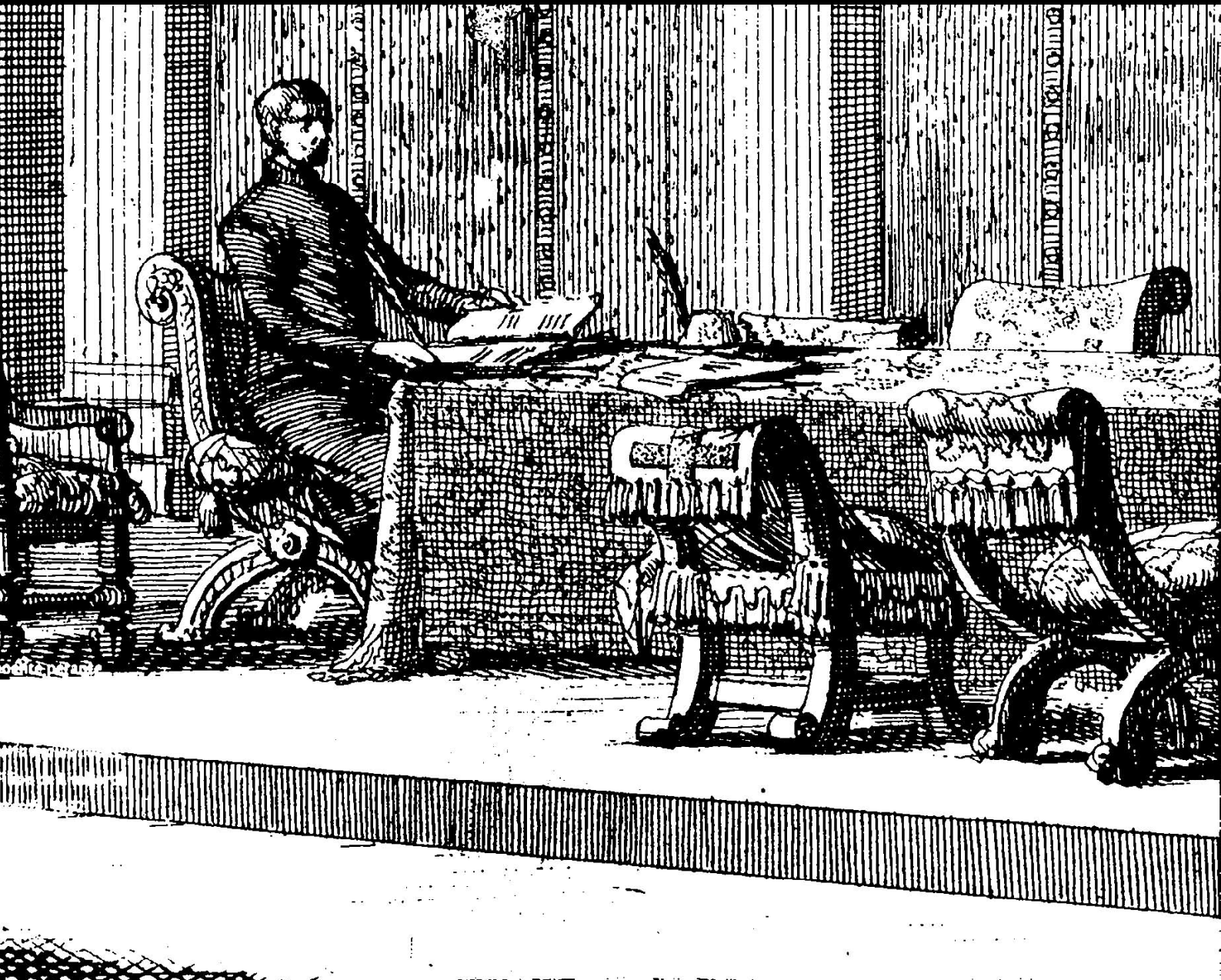
Ler o texto impresso de Vieira é alcançar parte de uma obra que se constrói no corpo, na prédica, na realização fascinante da palavra partilhada. Fico a imaginar o seu acento luso-baiano, elemento de estranhamento e de graça na performance. Organizadora de princípios da própria performance, situando-se numa relação de tempo/espaço¹⁰ do oral/oralidade nasce uma ação mágica no encontro entre as partes que procuramos chamar *fascinação*.

É V.V. Ivanov, semiótico russo que, remetendo-nos a Knoróзов¹¹, indica a fascinação como um método especial da comunicação estética e ritual. Diz-nos que esta noção vem a acrescentar algo às funções da linguagem oferecidas por Bühler e Roman Jakobson. Por sua vez, Mihail Popp, o etnógrafo romeno, traz em consideração a importância fundamental das relações entre ritos, mitos e narração oral. Chaman-

⁹ Cf. *Obras Completas do Padre Antonio Vieira. Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959, p. XLV.

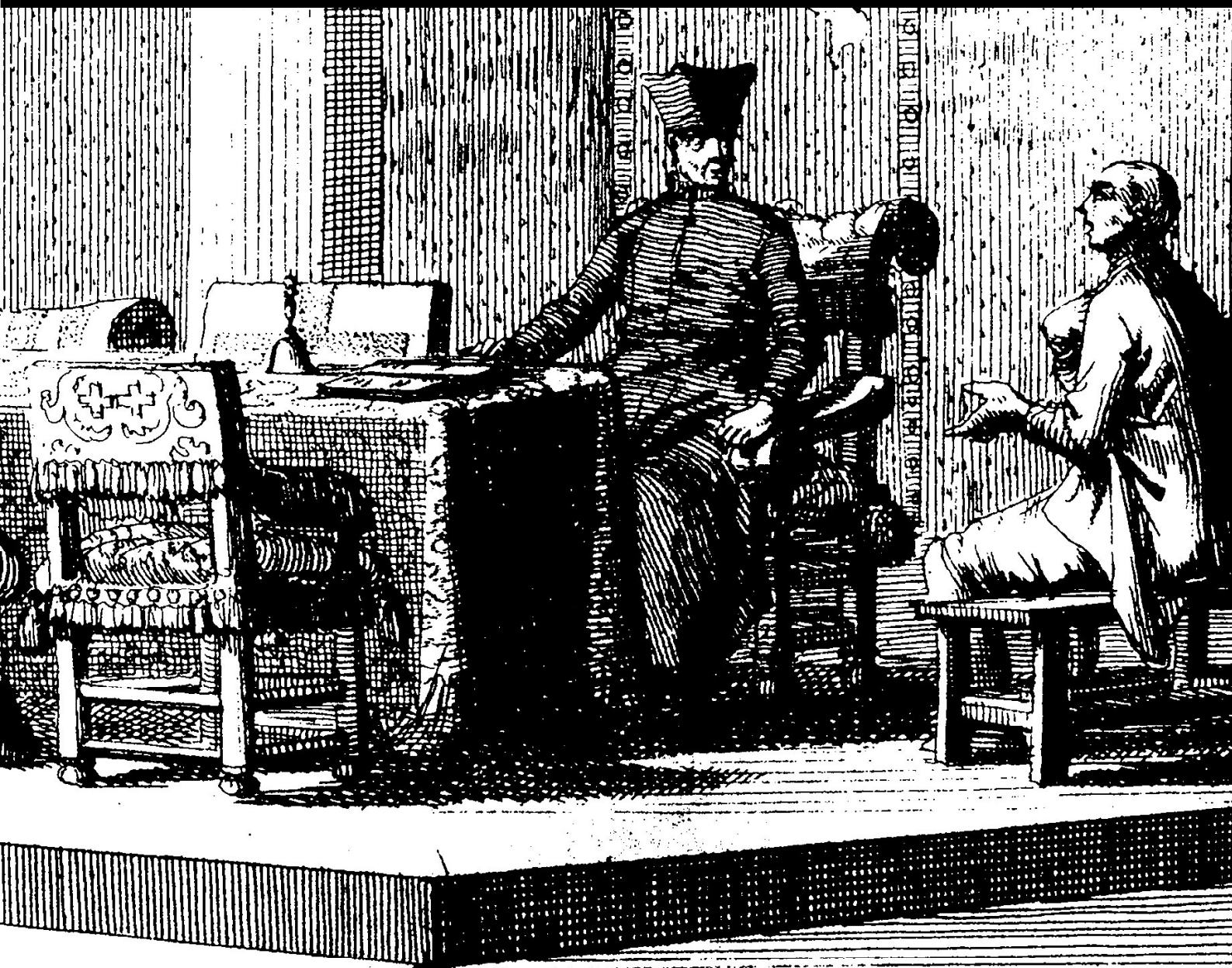
¹⁰ PIRES FERREIRA, Jerusa (Org.), *Oralidade em tempo & espaço: colóquio Paul Zumthor*. São Paulo: FAPESP/EDUC, 1999.

¹¹ Cf. PIRES FERREIRA, Jerusa. 'Os desafios da voz via'. In: *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: Centro de Memória da UNICAMP, 1997, pp. 59-68.



do atenção para aspectos de ritualidade e não-ritualidade, sagrado e não-sagrado, verídico e não-verídico, ele nos aponta sobretudo para a fantasia poética em si mesma. E algo mais, consegue ver a prática da palavra dita como um ato semiótico, observando a convergência e divergência entre categorias e determinando a significação de cada uma delas enquanto organização de signos. Tudo isso se configura no sentido da apreensão entre o que alguém nos diz, comunica, revela ou fascina. De repente, um orador se lembra de algo que lhe faz brilhar os olhos e transmite-nos um quê do acento desta iluminação. De pronto, a memória reacende-se num fluxo que nos desperta associações contínuas ou há algo no seu dizer que vai ser a força do que não suspeitávamos. Há uma questão interessante de ordem meta-histórica, de um espaço indefinível da interação de ritos, a criação de uma espécie de pacto entre quem diz e quem ouve, a conversão possível que compreende razões empáticas e simpáticas, racionais e mágicas ao mesmo tempo.

Se Vieira procura muitas vezes conduzir a opinião pública, transformando o púlpito em tribuna política o fato nada tem de excepcional: o púlpito desempenhava também funções que hoje cabem aos jornais, ao rádio, à televisão enquanto instrumentos. Continua a nos dizer Prado Coelho. Só que ele esqueceu da voz viva como agente direta e aqui não se



trata das mediações operadas por estes meios, e por todos os controles e manipulações que os regem. Na prédica há outras mediações, há compromissos de outra ordem.

Para o estudo da oratória de púlpito nos sécs. XVI e XVII, poderíamos nos servir de um importante ponto de partida apontado. Trata-se do códice 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa, que contém um catálogo dos sermões portugueses que estão impressos e avulsos até 1716.

Sabemos portanto que os meados e a segunda metade do século XVII são dominados pela figura do padre Antonio Vieira (1608 a 1697), “astro de tanto fulgor na oratória sacra portuguesa, que levou a esquecer injustamente aqueles que o precederam ou o seguiram”¹².

Mas considerando as artes da performance, em novos espaços que se abriam, talvez pudéssemos dizer que certos personagens sobressaem e se fixam e passam a ser mitificados por múltiplas razões que vão do talento excepcional a causas abraçadas e ao acaso de situações circunstanciais que os envolvem. Não se deixa aqui de comentar a existência de dois filmes contemporâneos em que ressurgem a figura do padre pregador, a partir de dois notáveis atores. No de Júlio Bressane, Othon Bastos e no de Manoel de Oliveira, Lima Duarte. Poderíamos até dizer que em sentido inverso, o cineasta brasileiro optaria por um mais luso e o português por outro mais moreno e brasileiro, reprodução cruzada das identidades do Padre Vieira.

Nas primeiras décadas do século XVIII prolongam-se na oratória sagrada mentalidades e situações que propiciaram a estética barroca, ou que foram por ela propiciadas. Ele continua a ser o mestre incontestável, a baliza, o desafio. Indo em busca dessa nossa dilatada condição barroca, vamos seguindo uma rede que entretece textos de vária espécie. Sentimos a presença de Vieira a cada instante, mesmo em passagens que contrariam suas formulações no *Peregrino da América*, um dos nossos textos fundantes, espécie de *best-seller* do século do ouro¹³. Fomos buscar também e, especificamente, as questões relativas à performance e profecia, na medida mesmo de sua importância diante das possibilidades expressivas.

Em seu livro sobre o mundo arturiano, e especialmente sobre *Merlin, o profeta*, guardadas as distâncias e as situações de enunciação que configuram a historicidade de profetas e de profecias, existentes ou míticos, vindos ou ainda esperados, Paul Zumthor¹⁴ nos traz algumas considerações que podemos relacionar com o nosso tema, não de maneira direta e genética com o universo em questão, como aliás já tinha feito em *Armadilhas da Memória*¹⁵, lembrando também os nossos movimentos rebeldes populares.

Trata-se da profecia que se fundamenta na esperança bretã de reconquistar a soberania para liberar o país de Gales do domínio estrangeiro. Daí, ao lidar com *Merlin, o profeta*, faz comparecer a profecia política exercida e executada pela voz.

A esperança bretã se identifica com um nacionalismo que se defende. Operam-se aí discursos que trazem verdadeiras consolações espirituais tornando-se, numa pequena escala, uma espécie de messianismo.

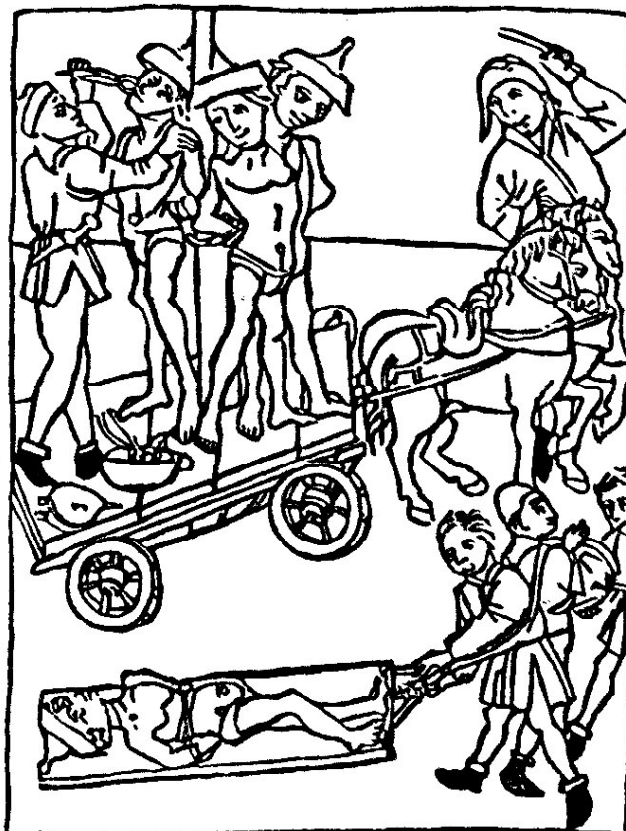
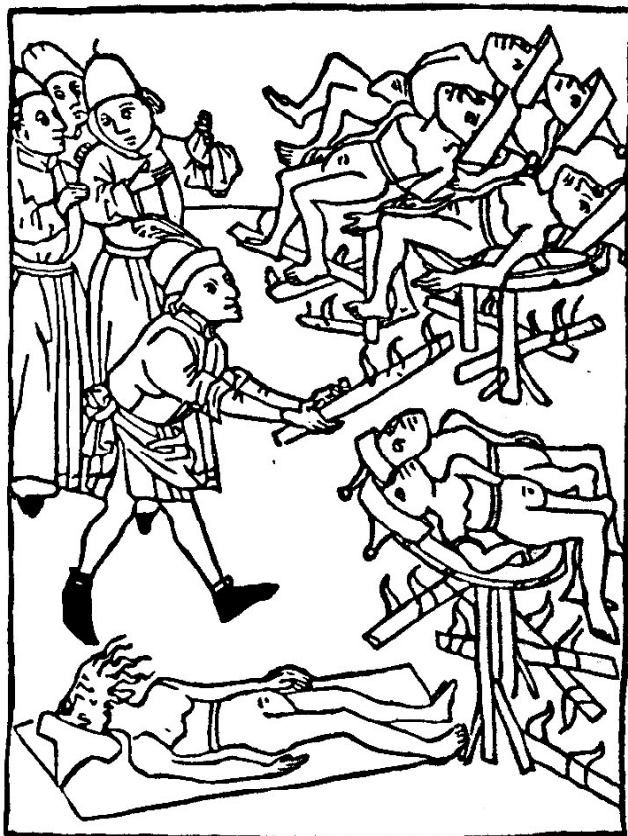
É preciso ver ainda a profecia como gênero de discurso pertencente à uma modalidade que conheceu na Idade Média um grande prestígio e o mesmo quanto à sua utilização no espaço dos conflitos políticos. Fala-nos também Zumthor que, no

¹² Cf. COELHO, Jacinto do Prado (Org.). *Dicionário de Literatura*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969, v. 2.

¹³ Cf. PIRES FERREIRA, Jerusa. 'Notas preliminares para uma leitura do *Compendio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira'. Revista USP, São Paulo, USP, n. 50, p.18-33, jun. ago. 2001.

¹⁴ *Merlin, le Prophète*. Genève: Slatkine Reprints, 1973.

¹⁵ PIRES FERREIRA, Armadilhas da Memória e outros ensaios. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.



Ocidente, a Profecia foi evocada como instrumento de luta espiritual, servindo para julgar valores humanos e o tema se enriqueceria de dimensões moralizantes.

Seremos levados a considerar os próprios dinamismos polêmicos das profecias¹⁶, os apocalipses fantasiosos e sua utilização persuasiva. Nos *Oráculos Sibilinos*, de Geoffrey de Monmouth, uma das primeiras recolhas de profecias, constata-se todo um intercurso da retórica bíblica. Assim, Isaías, Ezequiel, Daniel, o Apocalipse, etc¹⁷. Há, além disso, um curioso sistema simbólico ligado à zoologia e a livros de exemplos de animais. A apresentação de uma ruína dos tempos, a espera prolongada de um salvador que os viria em socorro. Neste universo andam juntos a História Moderna e a História Sagrada. Assim, comparece também o tema da salvação do mundo.

Nesse sentido, não seria despropositado trazer aqui estas analogias para aproximar o mundo do Padre Antonio Vieira e de um tipo de Sermão Barroco às esperanças de restauração, ao Sebastianismo e ao Quinto Império, como todos sabem. Profeta e vate na voz do pregador, fenômenos que se aproximam.

Merlin, do mito ao homem, não era apenas o vidente, alguém que dizia e projetava a verdade, nos diz Zumthor, mas havia nele mesmo um juiz severo ou um

¹⁶ SCHOLEM, Gershom; SABATAI, Tzvi. *O Messias Místico II*. Trad. Atílio Cancian, Ari Sólón e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

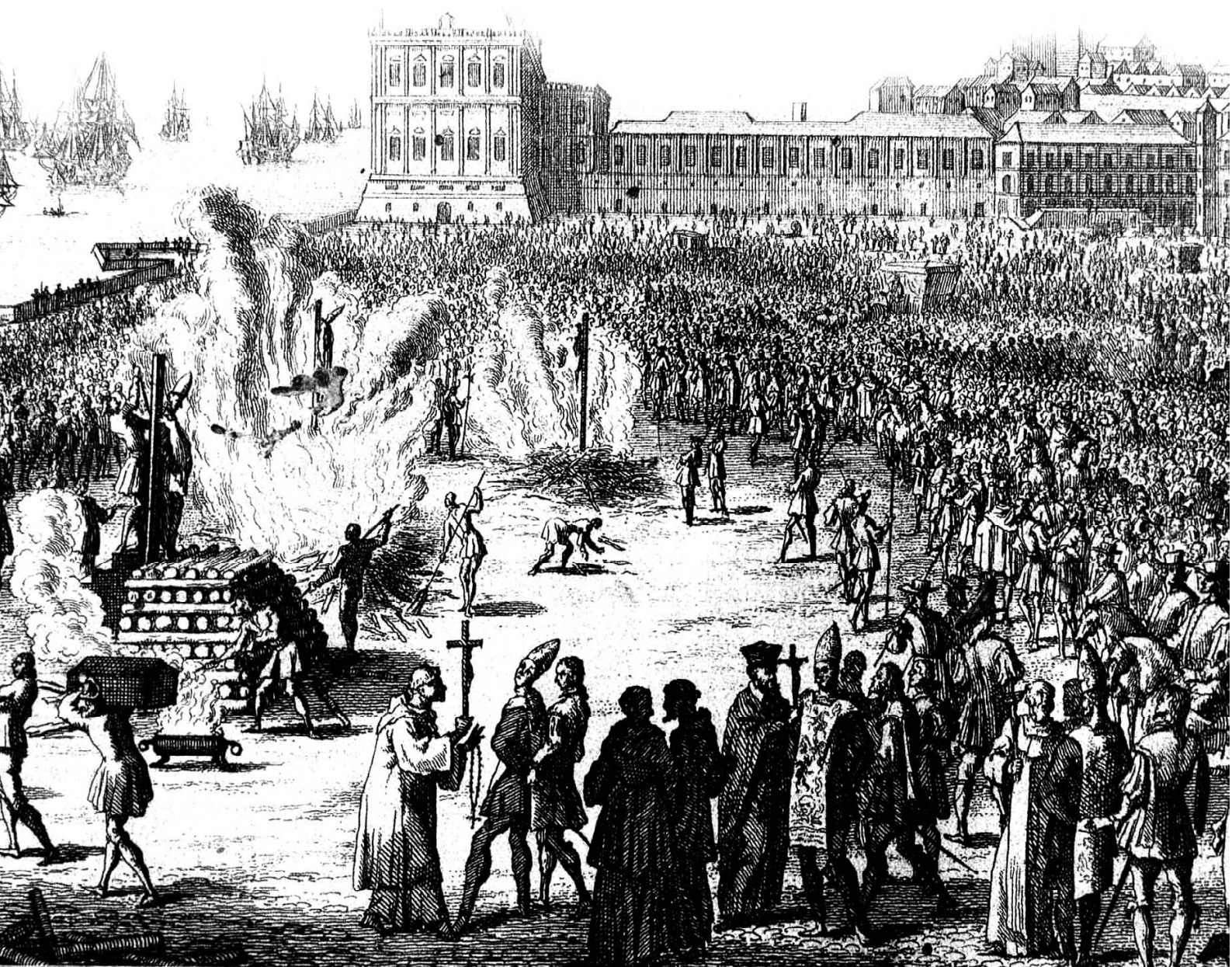
¹⁷ Cf. SILVA, Rafael Rodrigues da. *Edição e Heresia: o livro de Daniel*. Tese. (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006; SILVÉRIO, Luís Felipe. *Sonhos Proféticos: profecias oníricas – o tempo do Quinto Império nos sermões de Xavier Dormindo*. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.

consolador. Donde, o exercício de um certo dinamismo da profecia que deixaria de ser utilizada para fins polêmicos, e dirigida para persuasão.

Sob a forma alternada de considerações sobre História passada do país/região, ele é considerado como depositário, pelo menos um dos mais raros depositários, dos segredos da História nacional, idéia compreendida no tema da Profecia¹⁸.

Merlin é uma voz à qual se empresta uma nuance espiritual, aqui ou ali, de acordo com as necessidades desta espécie de literatura. É também a promessa de uma vitória, a partir das provas presentes, e é expressão numa ordem predeterminada, providencial, dos acontecimentos da história humana. Ele simboliza a obra de redenção, tanto que a partir daí, a entrada no tempo e em todas as almas humanas. Pela voz, ele confere um novo sentido ao drama da História.

¹⁸ Cf. *Merlin, le prophète*. Genève: Slatkine Reprints, 1973.



Referências

- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Profecias Morenas*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1999.
- ÁVILA, Affonso (Org.). *Barroco: Teoria e Análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- GODOY, Márcio Honório de. *Dom Sebastião no Brasil: fatos da Cultura e da Comunicação em tempo/espaço*. São Paulo: Perspectiva, 2005. pp
- HARO, Pedro Aullón de (Org.). *Barroco*. Madrid: Editorial Verbum/Conde Duque, 2004.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- PIRES FERREIRA, Jerusa. 'Os desafios da voz via'. In: *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: Centro de Memória da UNICAMP, 1997, pp. 59-68.
- _____. 'Notas preliminares para uma leitura do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira'. *Revista USP*, São Paulo, USP, n. 50, p.18-33, jun. ago. 2001.
- PIRES FERREIRA, Jerusa (Org.). *Oralidade em tempo & espaço: colóquio Paul Zumthor*. São Paulo: FAPESP/EDUC, 1999.
- PONTES, Maria de Lourdes Belchior. *Frei Antonio das Chagas: um homem e um estilo do séc. XVII*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1953.
- SCHOLEM, Gershom; SABATAI, Tzvi. *O Messias Místico I*. Trad. Atílio Cancian, Ari Sólón e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- SILVA, Rafael Rodrigues da. *Edição e Heresia: o livro de Daniel*. Tese. (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- SILVÉRIO, Luís Felipe. *Sonhos Proféticos: profecias oníricas – o tempo do Quinto Império nos sermões de Xavier Dormindo*. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.
- VIEIRA, Antonio. *Obras Completas. Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959, 5 volumes.
- _____. *História do Futuro*. Org. José Carlos Brandi Aleixo. Brasília: Editora da UNB, 2005.
- ZUMTHOR, Paul. *Merlin, le prophète*. Genève: Slatkine Reprints, 1973.

Nota

Aproveito para dizer que muito me honra participar deste conjunto de discussão sobre o Padre Vieira em companhia de especialistas tão importantes que aqui deixo de citar, mas homenageio e respeito. Meu trabalho tem um enfoque pessoal e traz outras propostas de leitura, mais contingentes .

JPF